

Entre contos e relatos

Um livro-reportagem sobre contação e
contadores de histórias em Curitiba

Rafaela Sindorski

Professor-orientador: Guilherme Carvalho

Revisor: Marcell Mengarda

Fotografias e diagramação: Rafael de Andrade

Capa: Max Alan Kampa

Aos meus pais, que estão comigo aonde quer que eu vá; ao Max, por todo o amor e pelas dancinhas divertidas; à Isabela, que me ajudou a encontrar forças que eu não sabia que tinha; à Milena, à Luíza, à Dayane, ao Rafael e a todos os amigos que dividiram comigo acontecimentos felizes e momentos difíceis. Obrigada pelo apoio, tudo seria tão mais difícil sem vocês aqui.

SUMÁRIO

Prefácio.....	7
Introdução.....	9
Onde as histórias moram.....	21
Educação também é feita de histórias.....	33
A herdeira de histórias.....	45
A metamorfose de Margareth.....	55
O mestre do ridículo.....	65
Com vocês, a Rainha.....	77
Posfácio.....	87
Referências.....	89

Prefácio

O que me levou ao jornalismo foram as histórias. Aquelas de gente como eu ou você que, mesmo desconhecidas, podem ser tão profundas e interessantes a ponto de nos fazerem perguntar: “como ninguém contou isso antes?”. O tipo de história que não deveria ser calada; deveria, sim, ganhar o mundo. Então, concordo com Nelson Traquina quando, em seu livro “Teorias do Jornalismo” (2005), traz “conjunto de ‘estórias’” como uma das formas plausíveis de se definir a área. Seguir essa profissão foi a forma que encontrei de tomar para mim a tarefa de dar voz a quem viveu mudo por muito tempo. Por isso, nada mais natural do que escolher, para meu Trabalho de Conclusão de Curso, o tema de que tanto gosto.

Logo no segundo ano de faculdade, em 2013, enquanto desenvolvia um projeto para a disciplina de Técnicas Básicas de Rádio, conheci o trabalho e o impacto social da Casa do Contador de Histórias. O contato com a organização me fez querer entender melhor aquilo de que eu só desconfiava, mas que as pessoas que entrevistei para a produção deste livro sabiam bem: contar histórias – inclusive a própria – é mais do que um exercício de empoderamento, é uma ferramenta legítima de educação e de autoconhecimento. Partindo dessa premissa, estudei, observei e pesquisei sobre o panorama da contação dentro da educação infantil municipal e da sociedade civil organizada, com foco na casinha amarela que

arrebatou meu coração há três anos. Fui atrás, também, de pessoas que têm a atividade de contar histórias como mote de vida. Neles, encontrei inspiração para escrever sobre o tema. O resultado vocês podem conferir nas páginas a seguir, em que procuro tornar clara a relevância da contação de histórias para diferentes públicos e onde me lancei ao desafio de contar a história de pessoas que podem fazê-lo tão melhor do que eu.

Introdução

O que seria da humanidade sem a capacidade de contar histórias? Desde as eras mais distantes, conhecidas como tempos da pedra lascada ou polida, de tecnologia rústica e comunicação parca, o hominídeo já retratava e reproduzia seus ritos e hábitos cotidianos. Antes da invenção de um sistema de escrita, nascido há cerca de 3.500 anos, a espécie humana já gravava em pedra e com pedra – ou carvão e outros pigmentos terrosos comuns na elaboração da Arte Rupestre – aquilo que considerava importante em sua história. Mas, não confunda o ato de registrar com a arte de contar; desde o surgimento de um sistema de escrita até seu desenvolvimento e disseminação plenos, com a prensa de Gutenberg no século XV, a oralidade é que foi a grande estrela de diversas sociedades. Na Mesopotâmia, ou deixando a “terra entre rios” em direção ao antigo Egito e à Velha Europa, por exemplo, a escrita surgiu como mera muleta da palavra falada, servindo, principalmente, para registros contábeis e administrativos. O bom da história, que mantinha viva as lendas e passava à frente os costumes, ficava por conta das vozes, poéticas, tal como a definição de Zumthor, que faziam do corpo – e, por que não, da alma? – um meio de espalhar tradições e conhecimentos através do que no século XX viria a ser conhecido como “contação” de histórias. Sendo assim, o ato de contar histórias se fixou na sociedade como um uso da linguagem oral para repassar

e perpetuar mitos e culturas. O mundo é composto por histórias e contá-las é parte do que somos.

Para o biólogo norte-americano Mark Pagel, o desenvolvimento da linguagem e a capacidade de se comunicar através dela foi essencial para que nossa espécie evoluísse e exercesse domínio sobre suas habilidades e seu ambiente¹. A comunicação oral foi, então, o que impulsionou nosso aprendizado social e possibilitou que pudéssemos fazer mais do que observar e reproduzir as criações de nossos antepassados; tornou possível que aprendêssemos e aprimorássemos suas invenções, desenvolvendo novas ideias e cooperando uns com os outros para garantir a prosperidade da espécie. O que Pagel chama de “poder subversivo da linguagem” é uma amostra de que, proferindo algumas palavras, somos capazes de externar nossos sentimentos e vontades, influenciar, criar e cooperar. Afinal, se a linguagem não ocupasse um posto tão importante para a humanidade, por que é que a prática da continência da fala, comum em votos de silêncio monásticos, seria um difícil ato de fé, disciplina e esforço? Segundo a neuropsiquiatra estadunidense Louann Brizendine, mulheres proferem até 20 mil palavras por dia, enquanto os homens, mais contidos, matraqueiam um número reduzido – mas ainda significativo – de cerca de sete mil. Falar é um ato determinante para a transmissão de nossas ideias, vontades e conhecimentos.

1 “Como a linguagem transformou a humanidade”, palestra ministrada por Mark Pagel na conferência TED Global, em Edimburgo, na Escócia, em julho de 2011.

Para aqueles que ainda não estão convencidos, uma lenda: segundo o livro bíblico do Gênesis, parte do Antigo Testamento, a mítica Torre de Babel teria sido erguida por descendentes de Noé, na antiga Mesopotâmia, quando todo o mundo falava apenas uma língua. Desejosos por alcançar os céus, eles, homens comuns, uniram suas forças para levantar uma construção titânica. Seu projeto despertou a ira de Deus, que, como castigo, derrubou a Torre com uma ventania e espalhou as pessoas sobre a Terra, conferindo a elas idiomas diferentes para confundir sua comunicação e dificultar a cooperação. A questão é: se até o Deus bíblico reconhece o poder da linguagem, quem somos nós para duvidar?

A curiosidade humana somada à capacidade de criar e comunicar inventou sobre a Terra um céu de histórias. Literalmente. Para explicar os astros colados ao firmamento, bem como as forças da natureza que agem sobre o planeta, o homem grego desenhou no céu noturno suas lendas e heróis. Rezam tais lendas que a constelação de Escorpião, com sua supergigante vermelha Antares, é obra da deusa Ártemis, da caça e da lua, querendo vingar-se do gigante Órion. A missão do animal peçonhento era perseguir e matar o caçador, conhecido nos céus por seu cinturão de Marias – aquelas três que todo admirador de estrelas sabe identificar. Após a morte de ambos, foram eternizados como astros brilhantes no extenso teto negro que cobre o mundo. Verdade ou pura balela, a história conquistou o respeito – e, quem sabe, o carinho – da União Astronômica Internacional, que optou por manter, até os dias de hoje, as representações constelares dos inimigos em pontos diametralmente opostos

no céu. Como portadores de conhecimento, os mitos nos ensinam e influenciam.

Uma outra face popular das histórias é a que ficou conhecida entre os povos celtas de II a.C. a I d.C. como “conto mágico”, que revelava conflitos entre homem e natureza e amores fatais capazes de superar o conceito de eterno. Para Márcia Kupstas, organizadora do livro “Sete Faces do Conto de Fadas” (1993), essas narrativas célticas foram as precursoras dos contos de fadas tais como os conhecemos, já que abrem espaço para enredos que traziam os seres mágicos, iluminados e protetores. A tradição oral dos relatos célticos ganhou registro no século XVII, com a transcrição do poema anglo-saxão Beowulf, que narra a trajetória épica do herói homônimo contra um dragão cruel que aterroriza seu povo. Narrativas “mágicas” correram diferentes povoados ao redor do mundo e, em vista de sua importância, passaram a ser escritas, ou coletadas e registradas, a partir do século XVII, por nomes como Charles Perrault, La Fontaine e os irmãos Grimm.

Neste ponto, é importante entender a diferença entre mitos e contos de fadas. Ambos, obviamente, tratam-se de histórias, mas com finalidades e abordagens que costumam divergir. De acordo com Nelly Novaes Coelho, autora de “O conto de fadas – símbolos, mitos, arquétipos” (2003), mitos são narrativas primordiais, que buscam, através de alegorias, explicar elementos e fenômenos da natureza, do divino e do próprio homem, estando profundamente ligados à magia e à religião. Já os contos de fadas possuem um

núcleo problemático existencial, sendo uma jornada voltada à realização e ao autoconhecimento do herói ou heroína, que está imerso no universo do fantástico e precisa vencer uma figura ameaçadora para alcançar seu final feliz. No ano de 1949, o mitólogo norte-americano Joseph Campbell escreveu o livro “O herói de mil faces”, resultado de estudos e pesquisas sobre a estrutura de mitos, lendas, fábulas, contos e roteiros modernos. Influenciado pela psicanálise Junguiana e por seu arquétipo de herói, o autor esboçou doze etapas pelas quais um protagonista passa ao longo de sua jornada, começando pelo personagem absorto em seu mundo comum até receber o chamado para uma aventura e terminando com seu retorno ao cotidiano, mas com sua índole e suas habilidades potencializadas.

Em 1812, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, naturais de terras alemãs, trouxeram a público uma compilação de 86 “contos maravilhosos infantis e domésticos”², recolhidos na tradição oral, que ajudaram a construir a identidade cultural alemã. Da obra pioneira à última publicação dos Grimm, em 1857, foram mais de 200 histórias povoadas por bruxas, princesas, animais falantes e outros seres permeados de magia. Designadas ao gênero *Märchen*, que, em médio-alto-alemão, remete a um acontecimento notável, as narrativas ficaram conhecidas pelo mundo como contos de fadas ou histórias da carochinha, apesar de nem sempre apresentarem tais elementos. Segundo o professor e doutor em germanística

2 *Kinder- und Hausmärchen*, em alemão.

Marcus Mazzari, a atribuição correta para as histórias recolhidas pelos irmãos seria a de “contos maravilhosos”, já que seus enredos nunca fogem do fantástico. O próprio Wilhelm explicaria, em um artigo de 1819³, as razões para tal título em seus contos, afirmando se tratar de “singela poesia” que pode “alegrar e instruir todo e qualquer ser humano e, ainda, uma vez que eles permanecem e são transmitidos adiante no círculo familiar, eles também são chamados de contos maravilhosos domésticos”.

Porém, se hoje as histórias coletadas pelos Grimm são populares entre o público infantil é porque seu conteúdo, repleto de violência e sexualidade, foi adaptado e amenizado. Um exemplo é a versão de Rapunzel de 1819, que foi suavizada por Wilhelm ao omitir a gravidez da princesa ingênua que via sua cintura alargar após as frequentes visitas do príncipe. As histórias registradas em sua versão mais crua, diferentemente das que conhecemos hoje, apresentam tramas sombrias que admitem barbaridades das mais variadas, como castigos cruéis e mutilações, canibalismo – tal qual em “Da árvore de zimbro” –, incesto – visto no conto “Mil peles” – e o começo de um sentimento antissemita que já se entranhava no pensamento popular alemão, a exemplo das histórias “O judeu entre os espinhos” e “A clara luz do sol revelará”. Mas, se certas crueldades foram abrandadas com o objetivo de tornar as histórias palatáveis às diferentes faixas etárias, as punições destinadas ao antagonista permaneceram, em sua maioria, severas.

3 Sobre a essência do conto maravilhoso. GRIMM, Wilhelm. 1819.

Com lições de coragem – como em “O Diabo e seus três fios de cabelo dourado” – e superação, os contos trazem o êxito de personagens inocentes e fisicamente frágeis sobre inimigos perigosos e sobrenaturais, condenando injustiças com medidas ferozes. A exemplo disso o destino da madrasta malvada em “Os doze irmãos”, que foi trancada em um barril cheio de óleo e cobras venenosas para que tivesse, assim, uma morte dolorosa.

Após pouco mais de dois séculos de vida, os famosos contos de Grimm estão em primeiro lugar entre os livros alemães mais traduzidos, deixando para trás o polêmico “Manifesto comunista” (1848) concebido por Marx e Engels. Aliás, o início da obra comunista traz uma alusão ao *Märchen*, dizendo que é necessário desafiar o “conto maravilhoso” que se formou sobre o “espectro do comunismo”, podendo se referir ao apetite da bruxa má por crianças em “João e Maria”. O Nazismo também fez uso do termo, acusando muitos daqueles que perseguiu de disseminarem “contos maravilhosos de atrocidades” (*Greulmärchen*) em busca de infamar a imagem do regime.

Com papéis importantes na formação da sociedade, na ciência e na política, as histórias também encontram seu espaço no sistema de educação. Fortemente ligada à literatura, a contação de histórias tem conquistado lugar dentro das salas de aula. Para o professor da Faculdade de Educação (FE) da USP Claudemir Belintane, coordenador da pesquisa “O desafio de ensinar a leitura e a escrita”, desenvolvida entre 2010 e 2014, os alunos mais focados

nas habilidades de ler e escrever são aqueles que melhor memorizam textos da cultura oral. Ou seja, ser capaz de narrar e retextualizar uma história oralmente é importante para a alfabetização plena de uma criança. Considerando a dificuldade em despertar interesse dos alunos e a indisposição de muitos professores em trabalhar textos orais de forma performática – na avaliação de Belintane –, grande parte dos estudantes acaba por se alfabetizar mal.

Transformando a questão em estatística, a taxa global de analfabetismo adulto, de acordo com o Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2015, da UNESCO⁴, é de 14%, representando um total aproximado de 781 milhões de pessoas. Quase 100 milhões crianças de países de renda média e baixa não concluíram a educação primária no último ano⁵, deixando o ambiente escolar com um letramento incompleto. O Brasil, com uma população de mais de 205 milhões de pessoas, segundo o IBGE⁶, possui cerca de 14 milhões de analfabetos, como estimado pelo órgão da ONU voltado à educação, ciência e cultura. Cerca de 20,3% dos brasileiros são analfabetos funcionais, sabendo identificar letras e números, mas apresentando dificuldades para interpretar frases e textos. Só em Curitiba, o número de analfabetos absolutos – que não aprenderam a ler e

4 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

5 A UNESCO tinha como meta garantir, até 2015, que todas as crianças tivessem acesso a uma educação primária completa, gratuita, obrigatória e de boa qualidade. Em 2012, quase 58 milhões de crianças no mundo estavam fora da escola. A meta não foi atingida e o abandono é uma questão a ser considerada: estima-se que, pelo menos, 20% das crianças matriculadas não cheguem à última série.

6 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

escrever – é de 29.839 pessoas, o que equivale a 2,1% da população da capital. Diante desse cenário, o professor, que também é autor do livro “Oralidade e alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento”, ressalta a importância de trabalhar interdisciplinaridade e diferentes linguagens no processo de ensino e traz a contação de histórias como método eficaz para ativar a memória e a criatividade e desenvolver o vocabulário das crianças.

Reconhecendo a importância das histórias no desenvolvimento infantil, a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba tem a literatura como diretriz educacional de ação permanente e diária. Todos os dias, os Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) devem trabalhar a leitura de contos adequados com seus alunos, disponibilizando em cada sala um espaço de livros ao alcance dos pequenos. Já a contação de histórias é um projeto permanente, mas não cotidiano; de maneira regular, os professores da rede precisam desenvolver a narrativa performática de histórias, incitando a criatividade das crianças. Fora do sistema de educação municipal, a pedagogia Waldorf, com pilares fortes na antroposofia de Rudolf Steiner, preza pela transmissão oral de conhecimento e pela contação de histórias como formas educativas de desenvolver mais do que o intelecto de seus alunos, mas também sua formação como ser humano e parte integrante de uma sociedade.

Outro segmento que não deixa de valorizar o ato de contar histórias como forma legítima de aprendizado e de desenvolvimento pessoal é o da sociedade civil organizada. Na capital paranaense, duas instituições voltadas à

contação de histórias carregam o título de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP): a Casa do Contador de Histórias – principal foco de estudo em uma das reportagens deste livro – e o Instituto História Viva, ambas sem fins lucrativos e reconhecidas pelo Ministério Público pelo serviço que prestam à comunidade. Com técnicas e métodos de ensino bem estruturados – sendo um de seus pilares a Antroposofia utilizada pela pedagogia Waldorf – as organizações iniciam cidadãos interessados na arte performática de contar histórias. Aqueles que passam por seus cursos de capacitação podem, então, atuar como contadores voluntários nas cerca de 30 instituições públicas e privadas vinculadas. Entre hospitais, casas de repouso, centros de socioeducação e educação infantil, espaços de reabilitação e escolas, a Casa e o Instituto atendem diversas pessoas em situação de fragilidade emocional, social e com diferentes quadros de saúde.

Compreendendo o panorama da contação de histórias na sociedade, resta, então, conhecer melhor o perfil daqueles que dominam a arte e a técnica de dar voz às narrativas. Ao longo dos séculos que vieram depois do tempo de Cristo – e muito depois do advento da escrita –, aquele que narra contos teve um arsenal de nomes quase tão amplo quanto seu repertório de histórias: foi conhecido, na antiga Grécia, como *rapsodo*; na África ocidental chamou-se *griot*; *trovador* na lírica medieval e *bardo* para os povos celtas da Europa ocidental antiga. E, se saber o nome lhe confere poderes sobre o nomeado, tal como apontou Eduardo Galeano e como é visto na secular história do duende Rumpelstichen

– transcrita pelos já citados irmãos Grimm –, poucos teriam tanto poderio quanto aquele que detém na memória centenas de nomes e aprendizados, repassando-os ao falar de suas narrativas. O sujeito-contador de histórias sempre se valeu, independentemente de sua época, da oralidade para perpetuar e propagar os mitos e hábitos fundacionais de sua cultura. Sua função prática dentro da sociedade, seja ela letrada ou não, era a de dar vida à arte da contação. Nas comunidades em que a escrita não é uma constante, a tradição oral, nesse caso, definida por Zumthor como primária, assume o papel de principal meio de transmissão de conhecimento. Naquelas que foram dominadas pela palavra escrita e pelas tecnologias que vieram depois dela, o papel do contador precisou ser reinventado, adaptado a uma “cultura verbomotora”, que tem contato com as técnicas de escrever, mas que limita sua influência, buscando a oralidade para dar sentido à sua tarefa. O sujeito ator da contação de histórias se agarra ao oral para repassar seu conhecimento, ainda hoje, em tempos de informação rápida facilitada pela internet. Segundo Cléo Busatto, autora do livro “A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço” (2006), narrar histórias na atual conjuntura é realizar um ato mediado pelo suporte digital. É ajustar-se e fazer uso da palavra digitalizada e das novas formas de linguagem possibilitadas pelo cotidiano tecnológico, com suas imagens eletrônicas e virtualidades; o conto – e o contador – precisam caber nas polegadas de uma tela de computador, tablet ou celular.

Então, em tempos regidos pela comunicação digital, onde e como se encaixa a contação de histórias? Este livro se propõe a buscar uma resposta. Através das reportagens a seguir, procura-se mostrar que a narração de histórias ainda é parte importante da sociedade, manifestando-se dentro das salas de aula, através da pedagogia Waldorf e das diretrizes da Secretaria Municipal da Educação e de outras instituições ligadas à sociedade civil organizada. Há, também, o perfil de quatro contadores experientes, que trazem uma bagagem gigantesca de conhecimento prático para ajudar a compreender tanto a atividade do sujeito-contador quanto sua personalidade e sua relação com as histórias. Nas próximas páginas, você irá descobrir que o homem sempre teve o hábito de contar suas histórias, e que fazê-lo é importante para seu desenvolvimento social e educacional.

ONDE AS HISTÓRIAS
MORAM


casa
do contador de
histórias

MEU AMOR
SERÁ SEMPRE TEU
MEU AMOR
GL ♥
A UNIÃO
FAZ O
AQUAR

TOF

Z/C



Em Curitiba, contação de histórias tem endereço certo. A Casa do Contador de Histórias é um exemplo de organização da sociedade civil que vem funcionando há mais de uma década

Se toda a casa amarela tem seus mistérios, a que se aconchega entre os comércios noturnos da agitada rua Trajano Reis tem todos os mistérios do mundo. Ao menos todos aqueles que cabem em contos, lendas e fábulas das mais variadas. Isso porque na construção antiga, pichada e da cor do ouro de número 325, bem no coração do bairro São Francisco, moram centenas de histórias esperando para serem contadas. Fundada em dezembro de 2003, a Casa do Contador de Histórias (CCH) é uma organização sem fins lucrativos que nasceu da vontade e da experiência de um grupo de dezoito contadores apaixonados por narrativas. Nas reuniões, realizadas em livrarias para o troca-troca de bagagem, surgiu a centelha que culminou em uma iniciativa pioneira no Brasil: por que não oficializar o trabalho que já era feito e, assim, criar um espaço dedicado à prática e ao ensino da contação de histórias? A ideia deu tão certo que, há nove anos, a Casa está formalizada como Associação e foi reconhecida como Utilidade Pública Municipal de Curitiba, pela Lei N° 12707, em 25 de abril de 2008. Recebeu o título de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), dado pelo Ministério Público do Brasil, e ganhou sua sede, considerada um patrimônio histórico, da Prefeitura da capital paranaense em 2011.

As histórias como alimento

Seguindo a máxima “a humanidade precisa tanto de histórias quanto de pão”, a organização tem como missão resgatar o ato milenar de narrar um bom conto e construir, com muita sensibilidade, um mundo melhor. Pode parecer ousado, mas seu trabalho não é nenhum conto da carochinha; é real e atinge, atualmente, doze instituições parceiras, entre centros de educação infantil e de socioeducação, escolas de educação especial, casa de semiliberdade para adolescentes infratores, hospital psiquiátrico, asilos e um centro de hospedagem e tratamento de soropositivos sintomáticos. Ao todo, são quinze rodas regulares de contação de histórias, agendadas semanal ou quinzenalmente, com quarenta e cinco voluntários atuantes distribuídos entre as entidades.

As rodas são o cerne do trabalho da Casa; é nelas que as histórias ganham vida. Compostas por três ou quatro contadores, duram uma média de 40 minutos e têm um ritual próprio para acontecer, algo que as torna mais do que um simples narrar de contos e fábulas. São três histórias por apresentação: a primeira, curta, tem a função de despertar o ouvinte e costuma ser leve e alegre; a segunda traz a temática central da roda, definida pelos voluntários, sendo mais longa e mais densa que as outras; a última é a história para adormecer o pensamento, que, antes de encerrar a apresentação, tem como proposta trazer uma reflexão para a plateia. A principal ferramenta de trabalho dos contadores é a voz. Adereços são pouco utilizados, deixando a imaginação do ouvinte livre para viajar através das palavras que viram

narrativa. Apresentados para um público máximo de 20 pessoas, os contos são acompanhados por uma vela acesa logo no início da roda. É uma representação da fogueira que reuniu, durante séculos, contadores e curiosos à sua volta.

No dia 20 de março de 2016, um domingo de manhã morna, a roda de contação na sede da Casa – a organização realiza, em seu espaço próprio, um evento aberto ao público sempre no terceiro domingo do mês, às 10h30 – começou com o soar de três gongos. É hábito. A atual diretora-geral da instituição, Tatiana Nicz, explica que faz parte da prática abrir a contação com um poema adequado à temática do dia e com o badalar suave – por três vezes – de um gongo ou um “pin”. Mas essa é só a iniciação pública de um rito que já começa nos bastidores. O aquecimento dos contadores é parte importante do show; com eles é lido um pequeno poema, antes mesmo de se mostrar ao público, e são desenvolvidos alguns exercícios de euritmia, uma espécie de ginástica corporal capaz de despertar os sentidos, apoiada na Antroposofia de Rudolf Steiner. “É para se concentrar melhor, se fazer presente”, explica a diretora.

Naquele terceiro domingo de março, os voluntários se fizeram presentes em frente a uma disposição horizontal de cerca de trinta cadeiras, distribuídas por três fileiras, com metade dos assentos ocupados por uma plateia atenta e variada, de idosos a bebês de colo. A contação do dia era responsabilidade de Tatiana e de outros dois colegas: Heidy Oliveira, diretora administrativo-financeira do lugar, e Reinaldo Vendramini. E que responsabilidade! Além do tema

bastante atual, que abordou a força das mulheres dentro das histórias, a data era marcada pela comemoração do Dia Internacional do Contador de Histórias. Com os chapéus de três pontas feitos de feltro colorido na cabeça, os contadores deram início aos seus contos com uma homenagem à atividade que tanto admiram.

Com um chapéu roxo decorado com flores, guizos e fuxicos, Heidy, consultora empresarial de 58 anos de idade, envolveu o público com sua voz aconchegante. Há treze anos, ela estava entre os cabeças da Casa. Foi uma das fundadoras e, hoje, participa da administração do espaço que ajudou a instituir. Seu envolvimento com a contação aconteceu por acaso; o trabalho voluntário fazia parte de suas metas de vida – uma meta para ser alcançada em cinco anos –, mas as histórias foram sugestão de um amigo, que frequentava com ela o curso de Biografia Humana, estudo que se baseia na Antroposofia e se dedica à observação dos ciclos da vida. E não é que ela aceitou o palpite e tratou de aprender mais sobre a arte de contar histórias? O interesse pelo assunto cresceu e, da formação do grupo de contação à origem da Casa propriamente dita foram menos de cinco anos. Mais do que atingir sua meta, a consultora deu um pontapé no que viria a ser um hobby encantador ao qual dedicaria parte de sua vida. “Eu acredito que a história é um resgate, uma transformação. Ela melhora a saúde, a autoestima, fortalece valores. As histórias mexem com o seu interior, tocam aqueles que precisam ouvi-las”, declara.

Reinaldo também teve vez para contar sua história. Antes de soar o último toque da sineta que introduziu a narrativa,

o empresário juntou as mãos na altura do rosto, como em uma oração silenciosa que precede seu exercício sagrado. Começou o conto fazendo suspense: “A força da mulher em minha história só será percebida lá no finalzinho”, provoca. Da plateia, Tatiana assentiu sorrindo, compartilhando o segredo que, até então, só os dois sabiam. Com muita expressividade, o paulista, que vive em São José dos Pinhais há sete anos, teceu o enredo sobre o conflito entre um rei e seu oponente, que, em um confronto, recebe do inimigo o desafio de descobrir, em poucos dias, o maior desejo de uma mulher. Sedento por vencer o rival, o rei faz um pacto com uma bruxa mal-encarada, que, no fim, acaba se revelando uma bela mulher, cuja única vontade era ser dona do próprio destino. O contador finalizou a história unindo as palmas das mãos mais uma vez, talvez em agradecimento ao trabalho no qual é voluntário há cerca de seis anos e que gostaria de envelhecer fazendo. “Quero contar histórias até ficar bem velhinho – o que não falta muito, né”, diz, com muito bom humor, o contador de 52 anos.

Tatiana, a última a se apresentar na roda de março, divide com Heidi a mesma visão apaixonada com relação às narrativas. “Elas são uma projeção, sempre vamos nos tocar com histórias que sejam parecidas com algo que temos dentro de nós”, pontua. Depois do fim da contação, quando os ouvintes já haviam tomado o caminho de casa, ela deixou de lado as narrativas sobre princesas corajosas e feiticeiras fortes para contar um pouco de sua própria história. Voluntária há 7 anos, consegue se lembrar, com carinho,

de episódios emocionantes em que recebeu da plateia elogios, lições e, por vezes, até algumas lágrimas. Um deles aconteceu durante a roda de contação da qual participa no Centro de Socioeducação Joana Miguel Richa, que abriga menores infratores. “Lembro que, certa vez, levamos alecrim para as meninas e uma delas disse ‘tem cheiro de liberdade’”, recorda e, então, confessa: “Já cheguei a chorar ao perceber a emoção das pessoas durante a apresentação”.

Do curso à prática da contação

Mas, antes de contar e se emocionar com as histórias, é preciso estudar. Só é possível ser voluntário da organização após passar por um curso de 12 horas de duração, divididas em dois dias, que aborda as técnicas de contação e os três principais pilares teóricos da Casa: a Antroposofia de Steiner, os Arquétipos de Carl Jung e a Jornada do Herói de Joseph Campbell. As aulas possuem um custo de R\$ 300, já que são a principal forma de arrecadação da instituição, que também recebe apoio financeiro de empresas parceiras para quitar as contas. Por ano, a Casa oferece cerca de 3 cursos, formando uma média de 20 contadores em cada um deles. Foram, desde o início da trajetória da organização, mais de 260 pessoas capacitadas pela oficina A Arte de Contar Histórias. Quanto ao perfil dos participantes, são, em sua maioria, mulheres, entre 20 e 60 anos, com profissões ligadas à educação e às ciências humanas. Heidy tem um palpite para explicar a estatística: “Acredito que mulheres são mais receptivas, têm mais interesse em participar, não

só desse, mas de cursos no geral”. Tatiana também dá seu pitaco sobre o cenário. “Existe um imaginário, uma visão rasa da sociedade de que a contação de histórias é algo feminino”, complementa, “Mas isso está mudando aos poucos. No último curso, em novembro [de 2015], tivemos uma participação mais equilibrada”, comemora a contadora, que trabalha como professora de inglês.

O interesse pelo curso surge por motivos variados. Alguns discentes não são atraídos pelo trabalho voluntário, mas pela possibilidade de desenvolver suas habilidades oratórias, potencializando sua capacidade de comunicação. Os que preenchem positivamente a ficha de intenção de voluntariado recebem, durante a oficina, instruções com relação à seleção de histórias a serem contadas, pois cada público ouvinte exige linguagens e temáticas adequadas a sua faixa etária e a sua situação social e emocional. Para auxiliar na triagem dos contos, a Casa dispõe de uma biblioteca e de um núcleo de pesquisa e conhecimento que classifica os contos mais pertinentes para cada instituição atendida. Charles Perrault, irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Câmara Cascudo e Eloi Zanetti estão entre os autores utilizados. “Usamos histórias alemãs, orientais, brasileiras... narrativas de muitas nacionalidades diferentes”, conta Heidy, frisando que o importante é que a escolha seja apropriada ao público. Tratando-se da fonte de consulta, a recomendação é que as histórias venham de livros – preferência para aqueles que foram traduzidos diretamente do idioma original. “Na internet há muitos contos, mas podem estar incompletos. Também prezamos pela fidelidade, contar a história como

ela foi registrada, por isso, preferimos buscá-la nas obras originais”, esclarece Lídia Hanke, contadora veterana e ex-diretora geral da organização.

Mônica Karam, psicóloga da Associação Solidários pela Vida (SoVida), instituição que trata e hospeda soropositivos sintomáticos, reconhece a importância do trabalho dos contadores. Segundo ela, as histórias, que são contadas pelos voluntários da Casa quinzenalmente aos sábados, trazem distração e conforto para os pacientes. “Melhora a autoestima deles. Também ajuda a lidar com temas complexos e difíceis”, afirma. Tatiana é uma das contadoras que atende a SoVida. Conta que seu grupo se preocupa em abordar, no enredo dos contos, temas mais sérios, que discutam sobre possibilidades do futuro, sejam elas positivas ou negativas – como a morte, por exemplo. Ela admite que, nessa e em outras instituições, nem todos participam da roda de contação. Alguns não se sentem dispostos ou não têm interesse pelas narrativas. “As histórias exigem foco e atenção dos ouvintes e nem sempre as pessoas estão propensas a isso no dia”, reconhece, “Na SoVida, por exemplo, alguns pacientes não conseguem se concentrar por causa das medicações que usam”. Para ela, a rejeição é mais comum entre as pessoas mais velhas. “Elas nem sempre aceitam ficar sentadas, ouvindo. Algumas levantam durante as histórias e saem”. Mas isso não abala os contadores. “A gente respeita a vontade de cada um. Não significa que seja pessoal, é só que, naquele momento, a pessoa não está dando conta de estar ali”.

A recusa costuma acontecer, também, entre um ou outro aluno da Educação para Jovens e Adultos (EJA)

da escola Vivian Marçal, para pessoas com problemas psicomotores. Segundo a pedagoga da instituição, Silmara Estalk, os estudantes na fase da adolescência tendem a achar as histórias infantis. “Sabe como é, adolescente acha que contação é coisa de criança”, revela. Mas, na roda do dia 12 de abril, quarta-feira, todos os alunos presentes na sala de aula da professora Maria Lúcia de Oliveira participaram da atividade. Wesley Pereira, de 26 anos, interagiu com a contadora e recebeu o papel de príncipe galante durante a narrativa, que relatava a história de uma princesa e seus três pretendentes. Alysson Cunha, de 16, se divertiu com o personagem designado ao amigo e, mesmo com a dificuldade em se comunicar, fez questão de dizer que gosta e aprende com os contos trazidos pelas voluntárias. “Depois que as meninas [contadoras] vão embora, trabalhamos a história durante a aula. Relembramos o que foi contado, para desenvolver a memória”, garante Maria Lúcia.

Em Curitiba, o alcance do trabalho da Casa só pode ser equiparado às atividades realizadas pela outra OSCIP da capital, o Instituto História Viva. Dezesesseis instituições recebem as rodas formadas por voluntários do Instituto, que também precisam ser instruídos através de uma oficina de formação, com carga horária de 21 horas. Assim como na Casa do Contador de Histórias, os que se interessam pelo trabalho da organização são, em sua maioria, mulheres, com idade entre 25 e 35 anos e curso superior completo.

Como os heróis dos contos com os quais trabalha, a Casa já passou por momentos de dificuldades e provações. Em

2014, um incêndio que começou na construção abandonada vizinha à organização se alastrou e destruiu parte da sede recém-reformada. Os danos foram causados não só pelo fogo, mas também pela água usada para combatê-lo, que destruíram cômodos, documentos, mobília e livros, exigindo que todo o grupo se organizasse a angariar fundos para reconstruir o espaço. Graças ao empenho dos voluntários e ao auxílio de empresas patrocinadoras, a instituição pode reparar o local que acolhe histórias e seus contadores. “Por ser uma construção histórica, a reforma exigia um projeto especial de arquitetura. Até isso foi doado. A comunidade se mobilizou para ajudar”, celebra Heidy, diretora administrativo-financeira.

E se, como acredita a diretora-geral Tatiana, todos procuram um final feliz para sua história, com o lar de todas elas não poderia ser diferente. Tatiana assegura que, hoje, falta pouco para que a recuperação da sede chegue a 100%. “Só precisamos organizar algumas questões pequenas, como a biblioteca, a pintura e a rampa de acessibilidade”, afirma. Depois disso, a Casa pode viver o seu “feliz para sempre”. Até que se comece um novo conto, é claro.

EDUCAÇÃO TAMBÉM É
FEITA DE HISTÓRIAS



Cantinhos da Leitura, instalados nas salas do Centro Municipal de Educação Infantil Estrela, no bairro Fazendinha (fotografias da autora).



Diretrizes pedagógicas municipais e vertentes educacionais inovadoras reconhecem na contação de histórias uma forte ferramenta de ensino e desenvolvimento intelectual para as crianças

Arrisco dizer que parte dos grandes ensinamentos que tivemos no início da vida tomaram carona em alguma história contada por pais, avós, amigos ou professores. Aprendemos, com “Chapeuzinho Vermelho”, a não falar com estranhos. Com “Os Três Porquinhos” descobrimos que segurança e estabilidade podem ser conquistadas com trabalho duro. O mesmo constatamos em “A Cigarra e a Formiga”; o esforço compensa quando os tempos ficam difíceis. A questão é que a oralidade teve um papel fundamental na transmissão e preservação de princípios culturais, tal como afirma a escritora Cléo Busatto, e, como já disse o biólogo Mark Pagel, foi importante para a potencialização do aprendizado social de nossa espécie. Para ele, somos o que somos hoje graças ao hábito de cooperação, possibilitado pelo desenvolvimento de nossa linguagem. Tendo sido uma ferramenta tão importante de evolução e difusão de informações, como poderia a tradição oral ficar de fora dos espaços de educação? Bom, não ficou. A contação de histórias, atrelada à literatura, tem seu lugar dentro das salas de aula, auxiliando a formação e a capacidade de interpretação das crianças.

O cenário municipal

Jussara Moreschi, coordenadora da Área de Formação, Oralidade e Leitura da Secretaria Municipal de Educação de

Curitiba (SME), explica que, nos primeiros anos escolares, tanto a contação de histórias quanto o trabalho com livros infantis são atividades permanentes, sendo o último um exercício diário. A Secretaria entende que “o hábito da leitura, de interpretar histórias assim como outros tipos textuais, inicia-se na infância”. Assim, professores dos Centros de Educação Infantil da cidade (CMEI) precisam desenvolver, todos os dias, trabalhos de literatura com as crianças do berçário ao pré II – contemplando alunos de seis meses a cinco anos de idade –, tendo a contação de histórias como suporte para aprimorar a criatividade e o interesse dos pequenos pela leitura. Em Curitiba, são 200 CMEIs e 71 Centros de Educação Infantil (CEI) contratados, que não são estabelecimentos municipais, mas recebem apoio financeiro da Secretaria.

As unidades são regidas por diretrizes pedagógicas vigentes desde janeiro de 2005, instituídas quando Beto Richa, atual governador do Paraná, ainda atuava como prefeito da capital. Nelas, a literatura e a oralidade são trazidas como elementos importantes da política educacional, devendo “desenvolver gradativamente o prazer pela leitura e a escrita”. As práticas pedagógicas são apoiadas por cadernos, que orientam o trabalho relacionado não só à oralidade e leitura e contação – cadernos de 2009 e 2010, respectivamente –, mas, também às demais atividades aplicadas nos centros de educação infantil. Todo o material pedagógico disponibilizado pela SME às unidades educacionais pode ser acessado pelo público através do portal online Cidade do Conhecimento⁷.

7 Acesse: cidadedoconhecimento.org.br.

Para a assessora pedagógica da Editora Positivo, Luciana Maria Rodrigues, a contação possui mesmo o poder de iniciar estudantes nos caminhos da literatura. Seria uma linguagem alternativa, assim como o teatro ou a música, para colocar a criança em uma transição entre os mundos real e imaginário, trabalhando sua criatividade em um universo imagético, sua memória e suas habilidades cognitivas, que são base para um aprendizado mais sólido. “Essa apropriação que a criança vai ter com a história e a literatura vai convidá-la a conhecer o mundo por meio da arte da palavra”, alega. Conhecimento que, segundo a pedagoga, é importante para que ela estabeleça relações com outros modelos de sociedade, apresentados através das histórias vindas de diferentes nacionalidades. Isso remete ao conceito da literatura como um objeto cultural, tal como define a professora e pesquisadora Marta Moraes da Costa, que é capaz de apresentar ao seu leitor realidades distintas das quais ele está inserido. “A história pode ajudar a criança a tomar um posicionamento perante a vida e perante as relações que ela vai estabelecer com outras pessoas, por isso a prática de contá-las é importante”, garante Luciana.

A pedagogia na prática

No CMEI Estrela, localizado no bairro Fazendinha, a diretora Josiane Guiak Lous, na coordenação desde setembro de 2015, e a pedagoga Sarita Aparecida de Oliveira acreditam no valor educativo das histórias. Os 26 professores da unidade trabalham, diariamente, a leitura de obras

infantis com as 148 crianças matriculadas no centro, a fim de instaurar um hábito e de incitar interesse dos pequenos pela literatura. Além do momento guiado pelo professor, todas as salas possuem cantinhos da leitura, que deixam livros ao alcance das crianças, para que adquiram familiaridade e costume em manuseá-los. “Trabalhamos com a concepção de leitura no mundo, com a gostosura de ler. Por isso os livros ficam à disposição das crianças, para que faça parte da vida delas dentro do CMEI”, diz Sarita. Já a contação de histórias, surgindo como suporte para a literatura, é realizada uma vez por semana, exigindo planejamento prévio dos docentes. “A escolha das histórias acontece durante o período de permanência dos profissionais, e é influenciada pelo interesse das crianças. Quando se percebe que elas têm gosto por determinada história contada pelos pais ou vista no canto da leitura, dá-se preferência para isso”, esclarece a diretora Josiane.

Para auxiliar o exercício dos professores, a Secretaria Municipal da Educação oferece cursos anuais direcionados, que procuram trabalhar com as disciplinas tradicionais dentro de novos contextos. Desde o ano passado, Jussara Moreschi ministra um curso, que dura um semestre, sobre o ensino da literatura na educação infantil. A professora do Pré II do CMEI Estrela, Deizi Unicki, está assistindo às aulas em 2016, buscando aprimorar seu trabalho com leitura e histórias dentro das salas. “No curso, a Jussara afirma que precisamos ler, várias vezes, as mesmas histórias para as crianças. Assim elas podem assimilá-las e recontá-las à

sua própria maneira”, explica. Para ela, os cursos, que são gratuitos, são bem acessíveis aos docentes da rede municipal. “Hoje, está mais acessível. Antes, a informação não chegava a tempo até nós, então, quando descobríamos, as inscrições ou as vagas já tinham acabado”, conta. “É que depende muito da direção avisar ou não. Neste ano, além de os cursos serem direcionados a turmas específicas, ficamos sabendo deles mais cedo”, completa a professora.

Diferente do trabalho com literatura, que consiste em ler o livro, tal como é, em voz alta, a atividade de contação recebe uma forcinha de adereços coloridos para incrementar a performance do professor e prender a atenção dos pequenos. Bonecos, fantoches e fantasias ajudam o educador a incorporar personagens e contar histórias. Sonia Coutinho, também professora do Pré II, costuma transformar a voz e a postura para dar mais vida à apresentação. “Na hora de contar histórias, você pode fazer do seu jeito. Usar acessórios, mudar a voz, levar a criança para outros lugares, até inventar personagens novos para o conto. Tudo pode ser pensado durante o planejamento da atividade”, afirma.

O mesmo acontece no CMEI Nely Almeida, no bairro Rebouças. Além dos cantinhos da leitura, distribuídos pelas salas do local, o centro conta com material de apoio para contar histórias. São fantoches e brinquedos que, muitas vezes, são trazidos pelos próprios professores, segundo afirma a diretora Daniela Stencel, fazendo parte do planejamento de aula dos profissionais. Mas, desde a inauguração do espaço de educação infantil, há quatro anos,

a coordenação do centro tem dificuldades para conseguir a liberação da verba para a aquisição de livros, oferecida pela Secretaria Municipal da Educação. Os exemplares disponíveis na unidade vieram do Ministério da Educação ou de doações da comunidade. Para a diretora, a dificuldade se deve ao pouco tempo de vida do CMEI. “Demora um pouco para ser inserido no orçamento municipal. Já entregamos a documentação, mas ainda não recebemos o dinheiro. É uma questão mais burocrática”, explica.

Um ser humano feito com histórias

Fora do sistema municipal de educação, a contação de histórias tem força em outras vertentes de ensino infantil. É o caso da Pedagogia Waldorf. Apoiada na Antroposofia do filósofo austríaco Rudolf Steiner, o método de ensino surge com a premissa de formar seres humanos antes de alunos, investindo no básico e se afastando das grandes tecnologias para chegar ao seu objetivo. A didática surgiu em 1919, criada por Steiner no período pós-guerra para acatar os pedidos do dono de uma fábrica de cigarros, a Waldorf. Atualmente, há mais de mil escolas e cerca de dois mil jardins de infância ligados à vertente ao redor do globo, distribuídos por mais de 60 países. O método corresponde a um dos maiores movimentos educacionais independentes do mundo. No Brasil desde 1956, a pedagogia já está em mais de 80 escolas do país. Destas, quatro ficam em Curitiba.

Na Escola Waldorf Turmalina, com ensino do maternal ao nono ano, estabelecida no bairro Campo Comprido,

trabalhos manuais e artísticos, musicalidade, habilidades motoras e contação de histórias são parte importante do currículo. As instituições que seguem a pedagogia dão atenção especial às atividades que podem trazer conhecimento de mundo e autoconhecimento às crianças, preparando-as, assim, para os aprendizados que a sociedade pode oferecer, mas sem deixar de lado o conteúdo indicado pelo MEC. Aulas de jardinagem, de artesanato, de alemão e de instrumentos musicais fazem parte da grade horária dos estudantes tanto quanto as lições sobre matemática, português, geografia e história. O principal ponto que difere essa e qualquer outra escola Waldorf das tradicionais escolas construtivistas é a forma e a intensidade com que os conteúdos são abordados. Os pequenos não são alfabetizados antes dos sete anos, por exemplo, já que, de acordo com a perspectiva dos pedagogos, não estão suficientemente preparados para receber tal aprendizado.

Sem cadernos, livros, apostilas ou qualquer material escrito, é a oralidade a principal forma de aprendizado dos alunos da educação infantil. Segundo a professora do maternal e coordenadora de ouvidoria da escola, Felicia Siemsen, desde os primeiros anos, os pequenos estudantes são habituados à tradição oral através da contação de histórias e das músicas cantadas. “Estamos sempre cantando. Para retirar os sapatos, lavar as mãos, arrumar a sala... tudo tem uma música que ajuda na adaptação e realização das atividades”, conta.

A contação de histórias também ocorre todos os dias, dura cerca de quinze minutos e acontece depois da hora

do lanche e das brincadeiras. A escolha das narrativas é parte do planejamento do professor. São utilizados diversos contos de fadas, podendo até conter elementos inventados pelo educador, mas as fábulas, com seus animais falantes, só entram para a grade curricular quando o aluno já tem oito anos de idade. Isso porque, na Pedagogia Waldorf, as histórias são subsídio para a alfabetização, além de dever estimular a imaginação da criança. “Steiner, quando escreve o planejamento de currículo, acredita que criança dos zero aos sete, mais ainda dos quatro aos seis, está muito envolvida no campo imagético. Ela vive no mundo da fantasia. Então, após ouvir uma história, ela vive dentro do papel de um rei, rainha ou duende... Brinca com esse contexto”, explica Felicia. “Assim, depois dos sete anos, esse conteúdo será uma base para a alfabetização. A letra irá aparecer em um contexto, nunca sozinha, de uma forma abstrata. Do rei das histórias, tiramos o ‘r’ e dessa forma por diante”.

Outro aspecto colocado pelo método é trabalhar, na área infantil, a mesma história durante quatro semanas consecutivas. Dessa maneira, a criança é levada a vivenciar o conto de uma maneira diferente a cada semana, processando-o em quatro níveis. “Na primeira semana, o aluno lida com a narrativa em um nível mais concreto. Na segunda, em um patamar mais fluido. A semana seguinte é a vez do reino animoso e, então, a criança chega a um nível que chama a individualidade do eu”, conta a professora. Isso caracterizaria a quadrimembração construída pelo filósofo Rudolf Steiner, que define quatro reinos nos quais se deve

trabalhar. O primeiro, reino mineral, é representado pelo corpo físico e sua solidez. O seguinte, vegetal, une o corpo físico ao corpo etéreo, envolvendo processos vitais mais maleáveis. O terceiro é o reino animal, que soma os corpos anteriores ao astral. E, por último, o reino humano, que traz o elemento individual, possibilitando que os conteúdos se tornem parte da consciência do ser. Mas, apesar de as quatro semanas serem o tempo ideal de desenvolvimento de uma mesma história, nem sempre é possível insistir na mesma narrativa. “Quando vejo que a maioria da turma não se adapta, sou maleável e troco de história. Pode acontecer”, esclarece.

Com um ensino que valoriza as particularidades de cada criança, é comum que os pequenos se tornem protagonistas das narrativas trazidas à sala de aula. No dia de aniversário, por exemplo, é feita uma contação sobre o aniversariante. “Pedimos licença aos pais, descobrimos detalhes sobre o nascimento e trazemos a criança como um personagem vindo de um mundo angelical, contando sua trajetória até encontrar seus familiares”, relata Felicia. Os “contos de aniversário” possuem um clima lúdico e evitam revelar situações mais sérias e adultas, como problemas ou detalhes do parto.

Dentro do ensino fundamental, a contação de história também é parte do dia a dia. Do quinto ao nono, as narrativas são contextualizadas dentro do conteúdo trabalhado. “São trazidas histórias para descrever a situação histórica vista na sala de aula. A contação vem como uma ferramenta

para o ensino”, diz a professora. E, se alguém duvida que a forma de trabalho do método Waldorf funciona, Felicia garante: os estudantes saem preparados, tanto para o ensino convencional, quanto para o mundo. “Recebemos elogios de professores de outras escolas, porque nossos alunos são mais atentos e interessados em desenvolver um aprendizado autônomo”, afirma.

Se há um consenso entre o sistema municipal de educação e o método educacional independente Waldorf, é que a contação de histórias precisa ter espaço dentro das salas de aula, sendo um instrumento de ensino para as crianças. Tal como é colocado nas diretrizes pedagógicas da SME, “a instituição de Educação Infantil deve ser um ambiente comunicativo, onde momentos planejados de relatos, histórias, rodas de conversas, brincadeiras cantadas, com rimas e poesias (...) estejam presentes cotidianamente”.

A HERDEIRA DE
HISTÓRIAS




casa
do contador de
histórias

A HUMANIDADE PRECISA TANTO...

Lídia Hanke Santos tem, dentro do peito, uma herança que ganhou da avó materna e guiou sua vida. Com seis ou sete anos de idade, ouvia Seniramis Fernandes, gaúcha vinda de Porto Alegre, narrar contos inventados à mesa do jantar, acompanhados por uma vela e personagens moldados com miolos de pão. Casos familiares, boatos, aventuras e descobertas, tudo era material para dona Serinamis criar uma narrativa envolvente. Isso se dava na Curitiba da década de 60, quando a energia elétrica falhava com frequência e deixava a família no escuro; clima perfeito para um pouco de fantasia. Os momentos com a avó são uma lembrança terna e, se existe verdade no que disse Mário Quintana, que há tristeza em não conservar vestígios da infância, Lídia pode ser feliz, porque guardou em si as histórias que ouvia desde pequena.

Foi, durante 14 anos, professora da pré-escola em uma instituição particular da capital e fez das narrativas uma parte importante de seu trabalho. Contos de fadas, lendas e fábulas faziam parte do currículo da escola, mas, principalmente, do interesse da professora que, antes de dar aulas, participou, em 1975, de um curso de dois dias sobre técnicas de narrativa com a contadora carioca Tia Corina. “Aprendi a usar alguns recursos, como cores em papel crepom, e, principalmente, a contar histórias para grandes públicos. Isso é algo de que sempre me lembro”, recorda.

Histórias de presente

Mesmo quando deixou a magistratura, em 1989, para trabalhar com vendas, Lídia não deixou para trás as histórias;

sempre foi, em essência – muito além da profissão – uma contadora. É por isso que, no fim da década de 1990, ela deu impulso à curiosidade e resolveu sanar uma pergunta que pairava entre familiares e amigos na época de sua festividade favorita, o Natal: afinal, por que é que se colocam guirlandas nas portas? Cerca de três anos de estudos e pesquisas resultaram em uma resposta e, de quebra, em um livro sobre histórias e tradições natalinas, que a contadora escreveu, imprimiu e envolveu com capas artesanais de ponto-cruz, feitas por ela mesma, para dar de presente aos três filhos no Natal de 2001. O regalo agradou tanto que, com o estímulo da família, Lídia publicou a obra via Lei Rouanet de incentivo à cultura e, dois anos depois, lançou um novo exemplar sobre lendas e costumes pascoais.

Sentindo-se em Casa

Se, até então, Lídia vivia com uma vontade de contos na alma, em 2006 ela finalmente deu voz às narrativas dentro de si, após conhecer a Casa do Contador de Histórias (CCH). Aconteceu em meados de junho, quando uma fada madrinha – ou amiga do trabalho, se preferir – insistiu para que ela conhecesse as atividades da organização. Curiosa, enviou um convite à Casa, chamando seus administradores para comparecer a um evento de autógrafos, organizado por colegas, em que ela assinaria os livros que publicou. Ninguém apareceu. Tempos depois, foi surpreendida com uma visita; uma das fundadoras da instituição surgiu em um encontro de

Lídia com algumas amigas, convidando-a a fazer o curso A arte de contar histórias. Duas semanas depois, a professora e vendedora se tornava, oficialmente, uma contadora.

Mas, apesar da afinidade com histórias, Lídia demorou um pouco para se envolver com o trabalho nas rodas de contação da Casa. O motivo? Lágrimas inconvenientes que insistiam em aparecer durante sua performance. “No começo, eu não achava que tinha condições de contar histórias porque era uma chorona. Se alguém se emocionasse com a apresentação, eu chorava junto”, diverte-se. Então, nos primeiros meses de voluntariado na organização, ela acalentava seu amor por contos no Núcleo de Pesquisa e Conhecimento, onde estudava histórias e as classificava, a fim de facilitar o trabalho dos voluntários que atuavam nas diferentes instituições atendidas pela CCH.

A atividade era um prato cheio para a magistrada, fã de Marina Colasanti, de contos árabes e de uma pesquisa caprichada. Sua história preferida, aliás, vem de terras arábicas e consegue fisgar a contadora pela beleza e pela sintonia com suas lembranças e sentimentos. “O rei Hamed Bin Bathara e a jovem destemida” tece um enredo sobre coragem e amor, lembrando Lídia, que acredita nas histórias como mensageiras de uma lição para a vida, de seu próprio romance, que já dura 39 anos. “Para mim, a história é sobre encontrar seu outro lado, aquele que complementa você. Mais que um amor por outra pessoa, é um encontro de almas”, conta a mulher que, tratando-se tanto de fantasia quanto de realidade, tem a alma cheia.

Conversa com a alma

E, se o assunto é mesmo alma, Lídia acredita que esse princípio vital tem tudo a ver com o ato de contar e ouvir histórias. Isso porque as narrativas devem fazer mais do que mexer com a consciência; devem tocar os sentimentos. Por isso, as rodas da Casa trazem ao público três histórias, cada uma com sua devida função, ajudando o ouvinte a viver o conto em diferentes estágios do ser, unindo pensar, sentir e agir. “Se você começa a apenas sentir, acaba ficando magoado, guardando remorso, e isso não faz bem. Se você só pensa, vira cabeça (risos). Agir sem sentir ou pensar também não é bom; é o que aconteceu com alguns dos adolescentes que estão na instituição de socioeducação que a Casa atende. Então, é preciso ter essas três forças da alma para chegar a um equilíbrio”, explica.

Em outubro de 2006, a contadora se tornou voluntária nas rodas da Escola de Educação Especial Vivian Marçal. Já contou, sim, em outros lugares, mas nunca deixou a escola. São 10 anos ensinando e aprendendo através das narrativas e da recepção da plateia por quem ela tem um carinho sem tamanho. “Eles têm muito a ensinar. São crianças que vêm em um corpo que tem dificuldades de movimento, mas com uma alma imensa, que nos permite contar histórias e ser acolhido por eles”. De lembranças boas, ela tem um baú cheio. Lembra-se de quando a CCH começou a atuar na Associação Solidários pela Vida (SoVida) e passou pela rejeição dos pacientes, que se recusavam a ouvir o que acreditavam ser “historinhas para criança”. Com insistência

e adaptação dos contos narrados, abordando temáticas cada vez mais adultas, o grupo conseguiu conquistar o gosto e a atenção dos residentes, transformando sua visão sobre as narrativas. “Antes precisávamos chamá-los para ouvir. Com o passar do tempo, eles começaram a se organizar e esperar pelas histórias”.

Mudança de direção

A contadora, então, embrenhou-se cada vez mais no mundo das narrativas e se deixou envolver – como em um abraço, por vezes aconchegante, outras vezes, apertado demais – pela administração da Casa do Contador de Histórias, tornando-se, de 2011 a 2015, diretora-geral da organização, responsável legalmente e financeiramente por ela. Define seu período de gestão como uma montanha-russa emocional. Percorreu trechos altos, de alegrias e conquistas, como quando a sede, concedida pela Prefeitura em 2011 em um estado que carecia de cuidados, foi reformada para receber a instituição. Desceu a pontos mais baixos, tomados de frustração, quando o lugar pegou fogo, no dia 9 de maio de 2012, apenas cinco meses depois de ser inaugurado. “Nessa hora, você precisa se mobilizar internamente para, então, conseguir mobilizar toda uma sociedade”, conta. E foi o que fez. Com mais uma dose pesada de trabalho e de ajuda, a Casa se reergueu. Da experiência, ela não viu apenas as cinzas, viu também uma Fênix. A tragédia chamou a atenção da mídia e tornou o trabalho da organização mais conhecido pela sociedade.

A missão de Lídia

Caso pergunte a ela sobre a importância da contação para si e para a sociedade, Lídia vai responder com o peito cheio: contar histórias é uma missão de vida. daquelas que transformam o mundo porque tocam pessoas. Não só as que escutam, mas as que contam, também. “O trabalho ensina a ouvir com o coração. A respeitar o outro e aquilo pelo que ele está passando naquele momento. Faz com que você o olhe com empatia”. E, como toda missão exige uma vocação, a de Lídia Hanke – e, segundo ela, de todo contador – é gostar de pessoas e de lidar com elas. O resto – desenvoltura, repertório, técnica – vem com o tempo – e com treino, claro. “Você pode até contar uma história para você mesmo ouvir, mas nada como contar para uma outra pessoa e começar a ver seus olhos brilharem”, conta, com os próprios olhos brilhando.

Apesar de não fazer mais parte da diretoria da instituição e, nos dias de hoje, só contar histórias quinzenalmente na escola Vivian Marçal, a atividade é uma parte de sua vida da qual ela não pretende se afastar. “Vou fazer isso enquanto me aguentarem. Desde que não chegue um momento em que eu comece a contar Os Três Porquinhos e termine com Chapeuzinho Vermelho, tudo na mesma história, não tem problema (risos)”. O interesse por narrativas é tanto que fez com que a magistrada, pesquisadora por natureza, resolvesse iniciar a pós-graduação em Neuropsicopedagogia, a fim de entender os processos cognitivos que envolvem o ato de contar histórias. Ela acredita que é possível fazer da contação

uma profissão e utiliza as técnicas que adquiriu com a atividade nas oficinas de preparação de leitores que ministra, atualmente, na Paróquia Senhor Bom Jesus, no bairro Cabral. Aliás, ler é hábito indispensável para quer ser um bom contador. Para Lídia, ter uma avó leitora, entusiasmada com música e narrativas, foi essencial para que ela crescesse dedicada à literatura e às histórias.

Com 58 anos, a contadora tem voz suave e riso fácil. Conversa com um sorriso quente nos lábios e parece ter sempre um conto escondido em sua prosa. Então, se quiser saber o que acontece entre Hamed Bin Bathara e a jovem, o porquê de as guirlandas serem símbolos natalinos ou como desenvolver uma boa narrativa, pergunte a Lídia e deixe que ela faça aquilo que sabe tão bem: contar uma boa história.

A METAMORFOSE DE
MARGARETH



“No caminho das leituras,
Eu viajo com emoção.
Trovas, contos, aventuras...
O mundo em minha mão!”

Quando Margareth Caldas Fuchs escreveu o poema acima, publicado em um livreto do II Concurso de poesia RH Criativo, promovido pela Secretaria Municipal de Recursos Humanos, ela descreveu, em métrica simples, sua ligação profunda com a leitura e os contos. Não que essa relação seja um segredo para qualquer um que visite sua mesa no Departamento de Tecnologia e Difusão Educacional da Secretaria Municipal da Educação. Seu gosto por literatura é dedutível quando se repara na quantidade de livros que ocupa a superfície. Em um dos cantos da bancada, um boneco cabeçudo de Edgar Allan Poe observa a funcionária pública e seus colegas com um olhar inanimado. Ah, se Poe soubesse que sua companheira de mesa, há mais de 30 anos trabalhando com educação, também é apaixonada por histórias – pelas suas, inclusive! Por 25 anos, Margareth foi professora do ensino fundamental e fez da literatura uma grande aliada, dentro e fora das salas de aula. Ao mesmo tempo em que procurou despertar o interesse pela leitura nos alunos, também acendeu a curiosidade por um mundo repleto de histórias em seus próprios filhos, Franco e Fernanda. Foi através da narrativa, que ela tirava dos muitos livros que lia, que Margareth se dedicou a desenvolver a capacidade de aprender e de fantasiar daqueles que tiveram a sorte de ouvi-la.

Contar para ler, ler para contar

Logo no início da entrevista, um aviso: professor fala demais, viu? Os anos na profissão possibilitaram à professora concluir de maneira prática o que diversos estudiosos do tema afirmam categoricamente: o hábito de ler desenvolve as habilidades cognitivas das crianças. A pesquisadora Marta Morais da Costa, em seu livro “Metodologia de ensino da literatura infantil” (2007), afirma que a literatura tem influência sobre a formação da consciência infantil, auxiliando no crescimento pessoal, psicológico, relacional e cultural dos estudantes. Margareth sabe bem disso e acredita que a criança que é estimulada através da leitura e da contação de histórias – que serve como ponte para aproximar os alunos dos livros – é capaz de aprender a escrever melhor, argumentar de maneira mais coerente e se posicionar de modo mais crítico perante o mundo. Isso porque, segundo ela, a literatura, mesmo que despreziosa, sabe como poucos preparar seu leitor para a vida.

“Acho que a literatura salva, mesmo não tendo essa função”, conta. Para ela, ler é um prazer, puro entretenimento. Serve para tudo e para nada, por mais paradoxal que possa ser. É que a boa literatura, ao mesmo tempo em que é diversão sem propósito, também está imbuída de aprendizado. Uma história de qualidade pode informar, antever e preparar, ainda que o interlocutor não perceba. Margareth é capaz de se lembrar de ocasiões em que as histórias foram um porto seguro, ensinando lições e acolhendo o espírito. A mais

marcante das lembranças é relacionada à partida da mãe, há cerca de um ano.

Ajuda de Kafka

A professora sempre teve um forte envolvimento com obras infanto-juvenis e, quando passou a integrar a equipe de difusão cultural da Secretaria Municipal da Educação, por volta de 2005, ampliou seu repertório literário, incluindo clássicos de temática adulta. Leu “A metamorfose”, de Franz Kafka, por indicação do filho e foi arrebatada. “O livro me atingiu. Fez com que eu revisse valores que tenho em mim, questionasse esse nosso apego às aparências” revela, para então, concluir: “Afinal, gostamos das pessoas por quem são, e não por como se parecem”. A leitura foi, certamente, mais um aprendizado dentre os tantos que Margareth pode absorver em sua constante busca por histórias. Mas, tempos depois, a descoberta de um câncer na garganta da mãe, doença que causou deformidades físicas, fez com que ela vivenciasse de maneira real as experiências que acumulou com a literatura. “Eu vivi a metamorfose no livro de Kafka. Não foi confortável, mexeu comigo. Mas ela me preparou pra viver a metamorfose da minha mãe”, conta emocionada. “Certa noite, ela acordou no quarto de hospital sem a bandagem nos ferimentos. Tentou levar a mão até eles, para escondê-los, porque sou sensível e não queria que eu ficasse abalada. Nesse momento, disse pra que ela não se preocupasse com isso, porque, quando a gente ama, ama

o interior, e qualquer coisa que esteja do lado de fora não tem importância”. Com voz trêmula e olhos marejados, Margareth atesta a força das histórias em sua vida.

O encontro com as histórias

Para quem acha que existe faixa etária para narrar e ouvir contos, a professora avisa: contar histórias não tem idade. “A contação é terapêutica e sem limitações. Se alguém sentar aqui, agora, e contar um bom conto, consegue fazer com que você esqueça tudo e todos”, afirma. Ela mesma viu as histórias entrarem relativamente tarde em sua vida, quando já ingressava no corpo docente da rede municipal de educação, nos anos 80. Quando criança, teve pouco contato com a literatura. Só se envolveu de verdade com os livros quando cursava o magistério e foi apresentada às obras de Maria José Dupré, na Biblioteca do Instituto de Educação, em Paranaguá. Hoje, o contato com a leitura se tornou tão habitual que é difícil escolher um único ídolo ou influência. Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Pedro Bandeira e Marina Colasanti estão entre os autores favoritos de Margareth. Também Monteiro Lobato, escritor que a professora utilizou amplamente em suas aulas, Marcelino Freire, contista pernambucano que ela considera “porreta”, e Bartolomeu Campos de Queirós. Este último, além de ter um espaço na prateleira da educadora, conquistou um cantinho especial como um souvenir em sua mesa, fazendo companhia à grande cabeça de Poe.

Leminski foi uma surpresa agradável para a professora, que admite ter, durante anos, alimentado um certo preconceito contra o poeta curitibano. “Quando entrei na universidade, em 1976, minha mãe dizia que eu não devia andar com hippies, pois eram ‘sujos’ e ‘contra o governo’”, recorda. “Como cresci em um ambiente em que nada se questionava, obedeci. Dizia: ‘não se preocupe, não vou andar com essa gente’”, conta. E, bom, o Leminski, com seu estilo, era parte ‘dessa gente’. É claro que, quando conheceu o “poeta marginal”, retratado no livro “O bandido que sabia latim”, de Toninho Vaz, deixou a cisma de lado e se encantou de vez.

As mentes por trás dos livros

Mais do que histórias, agrada a Margareth conhecer, também, seus autores. Alguns, a leitora crônica considera um prazer ter encontrado. Outros, afirma, preferia jamais ter conhecido. Helena Kolody, certamente, encaixa-se na primeira definição. Por volta dos anos 2000, quando era responsável pelas bibliotecas e faróis do saber do município, a professora pode conviver um pouco com a poetisa, conhecer sua personalidade e aprender com sua sabedoria. “Ela queria sempre dar coisas a você. Lembranças, presentes. Tinha que comprar os próprios livros, penso que deve ter sido muito enganada ao longo da vida. Ainda assim, era uma pessoa muito doce”, lembra-se. Aprendeu com ela uma grande lição: a velhice intensifica aquilo que você foi ao longo da vida. “Com certeza, Helena foi sempre muito amável”, conclui.

Mesmo afastada das salas de aula há cerca de dez anos, Margareth não perdeu os modos expansivos, a voz firme o impulso de explicar tudo de maneira bastante didática que compõem um professor experiente. Enquanto gesticula amplamente, ela esclarece que considera estímulo e exemplo fundamentais para a formação de um aluno leitor. Segundo ela, é preciso apresentar o estudante ao mundo da literatura através da leitura e da contação de histórias e, claro, não é possível tornar uma criança interessada se o próprio professor não nutrir um interesse genuíno por livros. “Acho que cada um tem seu tempo de despertar para as histórias. Mas, se tiver incentivo, vai acontecer”, pontua. Como exemplo, os dois filhos, que convivem com literatura e narrativas desde seus primeiros anos. O mais velho, conta, era voraz. Sempre gostou muito de ler e ouvir contos – talvez por isso, pondera, tenha se tornado jornalista. A mais jovem tinha menos interesse. Isso até começar a estagiar em uma das Casas de Leitura de Curitiba e ver despertar em si uma vontade maior de ler. Hoje, ambos escrevem contos e são ligados ao teatro.

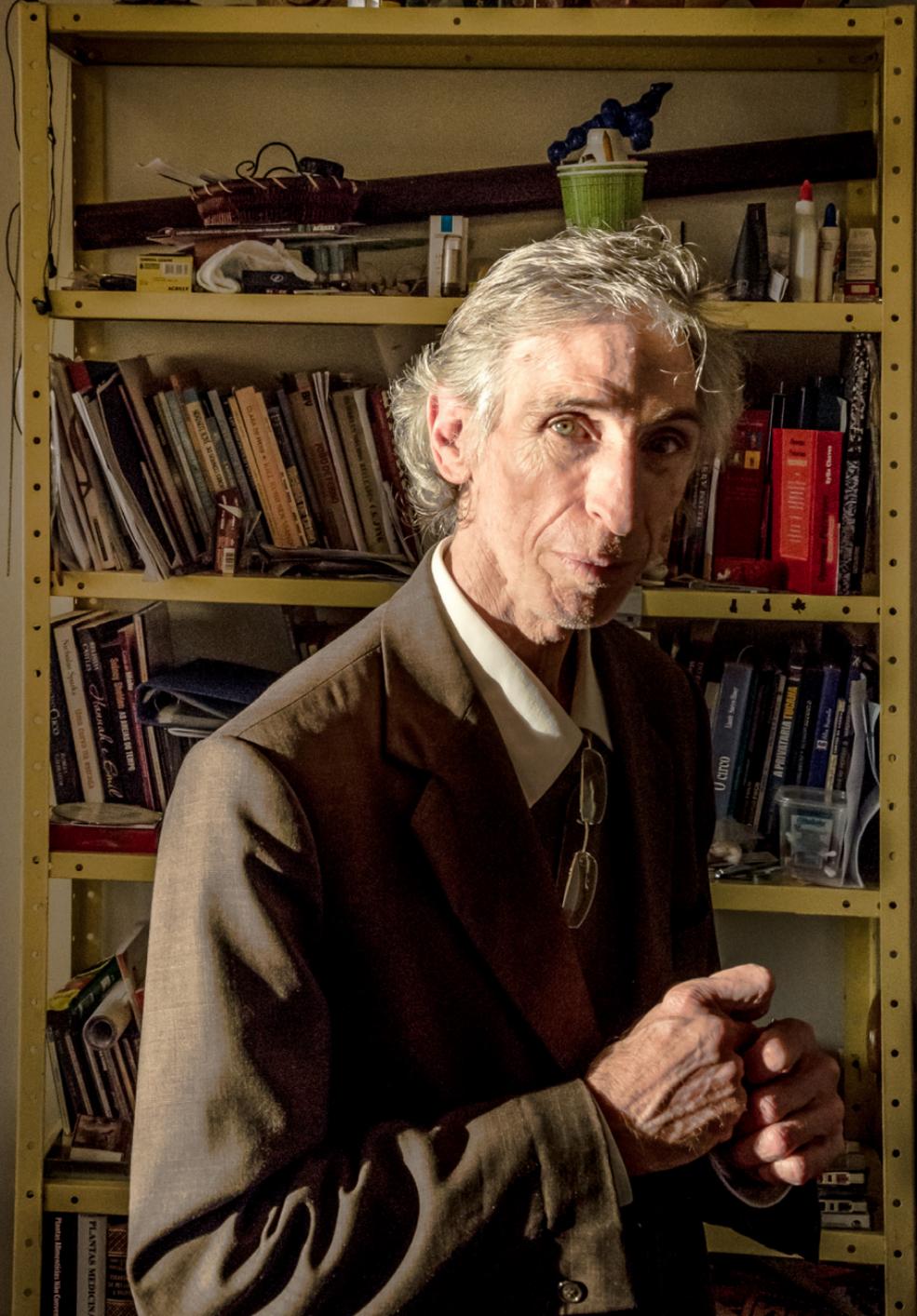
Contação também educa

Como todo professor à moda antiga, ela acredita na oralidade e em seus benefícios dentro da sala de aula. Em contar histórias como um modo de preparar e incentivar o aluno que está ingressando no mundo da literatura. “Quando você narra um conto, coloca sua alma ali. É diferente de quando você lê. Contar permite que você coloque toda

a sua sensibilidade pra fora”. Claro que ela conhece – tão bem quanto poucos, arrisco dizer – a importância da leitura, mesmo silenciosa, durante as aulas. Mas pensa ser importante alternar entre si esses meios de inserção nas histórias, para que as práticas de ler e dialogar com o texto e com os colegas não se percam dentro da educação.

Ainda que longe das salas de aula, Margareth não perdeu e nem perderá o apetite voraz por livros e bons contos. E, apesar de ter respondido ao meu pedido de entrevista com o aviso de que não se considerava uma contadora, conversar com ela foi, certamente, um verdadeiro aprendizado de como, quando e onde contar histórias.

O MESTRE DO RIDÍCULO



PLANTAS MEDICINALES
Manual de referencia para el cultivo

ridículo. *Adj.* **1.** Que provoca riso. **2.** Diz-se de pessoa, atitude ou circunstância que se torna risível por levar ao exagero aquilo que é natural ou apropriado a determinada condição. **3.** Cômico, risível.
(Definição retirada do dicionário Aurélio.)

Em seu apartamento, no alto de um prédio de frente para a Praça Osório, Carlos pode ver de tudo. Não que já não tenha visto o bastante. Em seus 60 anos de vida, já viajou pelo Brasil dedicando-se, com afinco, à tarefa que tomou para si em 1995: contar histórias. É através delas que ressignifica o mundo – o seu e o de quem mais estiver por perto ouvindo. Acredita no poder das narrativas como uma força quase mística. Sabe que um conto, daqueles bem tecidos, pode fazer a alma formigar com uma curiosidade buliçosa, segurando o fôlego até o ponto em que o enredo se fecha. “As histórias podem te levar até você mesmo. E o maior poder que existe é saber onde você está e quem você é”, explica, sábio. Carlos Daitschman, certamente, sabe quem é. Espero eu, no texto que segue, poder representá-lo bem o bastante.

Ator de profissão, Daitschman é um contador em tempo integral; fala firme e expansiva, suspiros profundos, pausas dramáticas e o hábito recorrente de fazer de um caso comum, uma narrativa que vale ser ouvida. Interessado por histórias do passado, bons contos e alimentação orgânica, ele vive em um apartamento antigo e espaçoso, bem no coração da Curitiba histórica, com a mãe, uma simpática senhora de 90 anos. Os dois me receberam em uma tarde fria e chuvosa

e, em um bate-papo na cozinha – parte mais quente da casa, segundo Carlos –, desenroscaram um pedacinho de seu longo novelo de memórias.

Geny Castilho Daitschman – “mamá”, para o contador – é a principal razão para Carlos ter saído de sua antiga casa, no Batel, em busca de um apartamento maior. “La cantante”, como ela mesma se define, desenrola um portunhol charmoso ao falar de suas lembranças. É companheira do filho em seus eventos e apresentações. E, quem acha que a senhora vaidosa, maquiada e adornada por joias, fica às sombras do primogênito bom de papo, muito se engana. Geny não se ofusca e dá um show para a plateia cantando, afinadíssima, clássicos do samba e da bossa nova.

Sob os holofotes

Mas se, hoje, Daitschman é um contador de mão – e mente – cheia, o Carlos da juventude não imaginava que se embrenharia pelo caminho das histórias. Na infância, adolescência e boa parte da vida jovem, foi um garoto tímido – e jura que, ainda hoje, depois de mais de meio século de existência, o menino envergonhado vive em algum lugar dentro de si. Conta que foi pedido em namoro recentemente e revela: “Sempre foi assim. Na faculdade, as meninas é que pediam para namorar comigo”. Ri de si mesmo. Ele foi perdendo a timidez na marra, quando as mais variadas situações exigiam dele muita desenvoltura e pouco embaraço. Lembra-se da vez em que surgiu nu

diante de uma plateia, na peça de teatro “Do outro lado da paixão”, dirigida por Marcelo Marchioro em 1986, que encenava a vida do escritor Lewis Carroll. “Foi só na estreia que eu soube que teria uma luz branca chapada em cima de mim. Logo na frente, na plateia, estava a avó de uma das atrizes. Imagina só, eu, um homem pelado, parado bem na frente dela”, ri.

Porém, a nudez do ator não foi o único fato inusitado sobre a produção. O contador se recorda de um aviso, dado por Antônio Abujamra ao diretor da peça: “Não monte sobre a vida de Carroll, e sim sobre sua obra. Espetáculos sobre a obra ‘vão para frente’. Agora, sobre a vida...”. O alerta veio acompanhado de rumores sobre desgraças acontecidas aos atores que tentaram dar vida a Carroll. Contrariando as previsões, Marchioro seguiu com o projeto. “Dito e feito. Quase morri na véspera da estreia”, conta Daitschman. “Uma gaiola de ferro, parte do cenário, desabou sobre mim e me deixou desacordado”. Mas a “maldição” do escritor não intimidou o ator. “No dia seguinte, cheguei cedo ao teatro, peguei um maço de incenso e conversei com Carroll. ‘Cara, queira ou não, eu vou atuar. Então, peço sua ajuda, porque estou tentando fazer o melhor possível’”. Depois do “papo” com Lewis, afirma Carlos, a peça foi um verdadeiro sucesso.

O teatro, aliás, foi outra paixão improvável. Isso porque ele começou a atuar por acaso, por volta dos 15 anos, fazendo um favor a um amigo de escola. No Colégio Estadual do Paraná (CEP), onde estudava, durante o Festival Nacional de Arte Colegial, Daitschman “tapou o buraco” deixado por um

participante que abandonou a peça sobre o “Cinderelo”, uma sátira cômica e amadora da história da gata borralheira. “Eu frequentava as oficinas da escolinha de arte do CEP e a única da qual eu não participava era a de teatro. Aquele bando de maluco berrando? nem pensar!”, zomba, apesar de, durante a infância, ter brincado de produzir roteiros, cenários e figurinos para teatro feitos de material reciclado. Maluquice ou não, depois dessa primeira experiência, Carlos começou a se envolver mais com as artes performáticas.

Já na faculdade – fez parte da primeira turma de psicologia da Universidade Federal do Paraná, mas não chegou a concluir a graduação –, participou de um grupo teatral, o Clavaria Flava, ligado ao diretório acadêmico. “O nome fui eu que dei. Representa um cogumelo pequeno, bonitinho, mas super venenoso!”, explica. Em plena Ditadura Militar, ele e os colegas ensaiavam um texto de Clovis Levi, que foi censurado dias antes de estrear. Nostálgico, Daitschman reconhece um pouco de si na juventude atual. “Vejo a rapaziada hoje, indo a eventos como o Psicodália, e me sinto em um túnel do tempo”, diverte-se. “Eu usava cabelo bem abaixo dos ombros, uma camiseta número 10, com a barriga de fora, as calças de elástico e boca de sino. Por cima, o casaco de pele da minha avó, comido por traças e tudo! Esse era o traje, e era um ultraje!”, conta Carlos, que usava, durante a entrevista, calças marrons muito largas – presente de um amigo querido –, camisa branca, suspensórios e uma gravata antiga de brechó. Em tempos de repressão, ele recorda ter vivido uma era de resistência e amor livre. “Na

minha ‘tchurma’, tinha gente de todas as cores e gêneros, não precisava de bandeira nenhuma”.

Desde 1978, Daitschman é ator e figurinista profissional, tendo trabalhado com nomes como Lala Schneider e Antonia Eliana Chagas. A partir da década de 90, ele se afastou dos palcos, dedicando-se a um emprego estável por causa do filho, que havia nascido em 1988. Como funcionário da Fundação Cultural de Curitiba (FCC), trabalhou em centros culturais da periferia da capital, desenvolvendo projetos artísticos envolvendo material reciclado em comunidades como Vila São Paulo e Santa Amélia. Fala com gosto de uma peça sobre a Paixão de Cristo, que concebeu no Presídio do Ahú, na qual deixou o texto livre para que as detentas construíssem suas próprias interpretações. “Era uma Paixão no improviso, tratando da questão ambiental. Encerrava com o Cristo, que era uma criança, carregando uma cruz de sucata”, relata. No dia da apresentação, Carlos cuidou do figurino pessoalmente, cortando e ajustando as vestes, feitas de algodão cru, diretamente no corpo das participantes. Até que, em meio ao trabalho, foi abordado por uma das detentas, Vera, alegando que as colegas não sabiam o que deveria ser feito. “Ela tinha escrito a sequência do espetáculo, porque isso era tudo o que a gente tinha. Disse, então, pra ir até as outras meninas e dirigi-las. Ela ficou incrédula”, recorda com um sorriso. “Alguns minutos depois, eu a escuto colocando ordem no ‘pelotão’. Sabe, é esse tipo de teatro que se pretende; um em que as pessoas possam colocar suas vozes”. Daitschman mal pode descrever o orgulho em ter

visto Vera, uma mulher presa por pouca coisa, que deixou a filha com um casal evangélico e, depois, soube que eles a haviam colocado em uma espécie de internato, comandar um espetáculo. “Foi maravilhoso, deixou a plateia aos prantos”, relembra, agradecendo pela experiência de entrar em contato com uma Curitiba, até então, desconhecida para ele.

Como nasce um contador

Foi na Coordenação de Literatura da FCC, após ter sido colocado à disposição de seu cargo no Centro de Criatividade, que ele teve seu primeiro contato com a contação. Por ter experiência como ator, foi escolhido para “desencalhar” um projeto de contar histórias nas bibliotecas da Fundação. Em julho de 1995, Carlos Daitschman tornava-se um contador, fazendo sua primeira apresentação com contos marroquinos e algumas histórias de Monteiro Lobato, que costumava ler quando criança. O conto sobre a moça que nasceu de uma maçã, que fez parte de sua primeira performance, integra seu repertório até hoje.

A este ponto, uma revelação do contador: “Admito que, no começo, achava que contar histórias era lidar com criancinhas”, fala, enquanto enche uma xícara de chá. Mas, trata logo de dizer que o pensamento é coisa do passado e que seu próprio curso dentro da atividade tratou de refutar seu preconceito inicial. Hoje, boa parte de seu público é adulto e ele já desenrolou contos em frente a plateias compostas por ouvintes dos mais diversos; de pequenos a

idosos, de pacientes de hospitais a engenheiros de grandes empresas, como a Petrobras. Foi a Brasília, a Fortaleza, a São Paulo e também a Araucária, aqui pertinho. Viajou pelo Brasil levando uma mala repleta de narrativas envolventes.

Com o bolso cheio de causos, histórias de família e contos de autores variados, ele, que começou o ofício abusando de figurinos e adereços, tem se tornado cada vez mais minimalista ao apresentar suas narrativas. A voz e o conto em si, bastam. “Certa vez, durante uma contação, apaguei todas as luzes do lugar. Deixei as pessoas no escuro para que elas não precisassem ver, só imaginar”. Daitschman tem feito o possível para, quando se trata de contar histórias, ser uma tela em branco, onde a plateia pode projetar, acima daquilo que vê, aquilo que sente. A fidelidade também é essencial para o contador. Quando narra contos autorais, faz questão de evidenciar cada detalhe do enredo. “Dizem que Marina Colasanti editou três livros antes de conseguir terminar uma de suas histórias, porque faltava uma única palavra que ela não conseguia encontrar. Então, quem sou eu para mudar as histórias e suas palavras?”, questiona, lá do canto da cozinha.

E, se você pergunta a ele sobre o que é importante para ser um bom contador, Daitschman sorri – aquele sorriso simpático, mas que também diz “sei de alguns segredos”. Acha que todo mundo é um contador à sua maneira. “Algumas pessoas me dizem: ‘ah, mais eu nunca vou contar como você’. É claro que não! Eu sou eu, você é você”, explica o óbvio, fazendo assim com que eu entenda o essencial: há milhares de formas de se contar histórias.

Adepto da filosofia de Heráclito, ele acredita que nenhum homem pode contar a mesma história duas vezes. Mas, não entenda mal. O conto pode até ser o mesmo, já a forma com que será contado, os sentimentos e as interpretações, esses mudam completamente. “Tem histórias que conto há 20 anos e, de repente, um significado novo se apresenta. Chega a ser assustador! Você conta uma história que acha que sabe e, então, os significados vão se ampliando, aprofundando, adequando a uma realidade nova”, explica. “A impressão que eu tenho é a de que estava em um terreno seguro, até que surge uma onda imensa que me leva a surfar em um novo significado”.

Outra dica, confidenciada entre alguns goles de chá, é acreditar. Acreditar em peixes caminantes, como em “A velha história” de Mário Quintana, em macacos que preveem acontecimentos, como em um conto indiano, em animais que falam. Acreditar. E, com isso, desacreditar do absurdo. “Quando eu conto, eu acredito. Pra mim, nada é absurdo. Não mais do que todos os absurdos cotidianos que vivemos e aos quais nos acostumamos”, diz. Para Daitschman, manter a fé no que se faz – acompanhada de muita leitura e experiência, claro – é essencial para fazer bem.

Uma boa história por um mestre ridículo

Logo, a conversa passou de um bom contador para uma boa história. O que é que se pode chamar de um bom conto, afinal? Segundo Carlos, “A roupa nova do rei”, de Hans

Christian Andersen. “O comportamento dos políticos e do poder ainda é o mesmo. São as mesmas coisas acontecendo de um jeito antigo”, lamenta. Boas histórias, de acordo com ele, seriam aquelas que, apesar do passar do tempo, ainda tocam e podem ser compreendidas pelas pessoas. “Quando se assustam com a violência de hoje em dia, eu relembro a parábola do Bom Samaritano. A gente vê mães carregando carrinhos de bebê por aí, vê um cara atropelado, uma pessoa morando na rua... e passa como se não fosse com a gente”, entristece Daitschman, que pensa, tal como Lulu Santos, que “a passos de formiga e sem vontade, assim caminha a humanidade”.

Apesar do jeito um pouco ressabiado de ver as coisas ao seu redor, ele ainda acredita, da mesma forma que acredita no peixe de Quintana, que histórias podem mover o mundo. Sabe que foi através de contos e parábolas que grandes mestres, como Buda ou Jesus, deixaram seus ensinamentos e, por isso, mantém a fé no ofício que ocupa.

Assim como o vinho, os anos fizeram de Carlos Daitschman um contador cada vez melhor. Sem adereços, sem máscaras e sem papas, ele é o que é. Mas, não foi só ele que mudou sua forma de contar histórias; elas também o mudaram. “Hoje eu sei que custo muito mais caro, que meu preço é muito mais alto. Tenho orgulho do que eu faço e do que eu sou”, diz, sem modéstia. “Claro que tenho muita coisa pra aprender ainda, mas as histórias estão me levando a me encontrar comigo mesmo. E eu... eu sou uma pessoa absolutamente ridícula. Com 60 anos, tenho um alvará que

me dá a possibilidade de ser ridículo”. Ao fim da entrevista, o mestre das histórias e do ridículo me faz um convite: retornar a sua casa um outro dia. Para tomar um chá, para jogar conversa fora, para ouvir um bom conto.

COM VOCÊS, A RAINHA



Efigênia ouve vozes dentro de si. Devem ser altas na cabeça da pequena senhora de 84 anos, com longos cabelos brancos trançados e óculos se equilibrando delicadamente no dorso do nariz miúdo. O que elas dizem? Para que não pare. Pois, toda vez que a artista tenta sossegar a mente, os sussurros surgem, soprando uma nova história que ela precisa contar ao mundo. Foi assim com sua última criação, “A grande viagem dos Biopaz, Patrícios e Naifs rumo ao Planeta Marte fugindo as Olimpíadas de 2016”. Em meados de setembro do ano passado, a senhorinha havia resolvido dar um tempo do trabalho criativo, descansar a cabeça dos poemas e das obras que produz com materiais reaproveitados, mas a sina foi maior que a vontade. “Quando achei que já estava cansada de mexer com isso, veio uma mensagem dos Biopaz na minha cabeça. Daí criei toda a história deles. É muito bonita”, conta, cheia de vontade de dividir o enredo que teceu, registrado em 150 folhetos que ela mesma mandou produzir, e que, como grande parte das coisas que faz, carrega um bocado de suas próprias lembranças e aprendizados sobre a vida.

Artista popular, poetisa, escultora e contadora de histórias, Efigênia Ramos Rolim vive em uma casa modesta no bairro Cajuru, em Curitiba, cidade para onde se mudou na década de 60, vinda da rural Matipó, Minas Gerais. Em uma sala nos fundos da morada fica seu ateliê e a instalação do museu A Vida do Papel de Bala, onde guarda esculturas, figurinos, bonecos e outros tantos trabalhos que moldou com muito cuidado e com um punhado de papéis de embrulho e embalagens de produtos variados. Ao apresentar

seu pequeno universo, a artista se inquieta. Brinca com os figurinos e esculturas e, com eles, conta histórias; aquelas que inventou e aquelas que são partes reais de sua trajetória. Às vezes, ambas se confundem e a realidade fica parecendo uma ficção triste e bonita tendo como protagonista uma mulher forte, que trabalhou na roça, em Minas, e que viveu nas ruas ao chegar na capital paranaense.

A coroação da Rainha

Foi no início da década de 90, durante a Feira do Poeta de Curitiba, que Efigênia descobriu que tinha poder com as palavras. Encantou as pessoas com sua poesia tipo repente, provando sua habilidade ímpar para falar em versos: “Pelas ruas isoladas, ninguém me conhecia. Sentei lá na calçada e declamei poesia”. Depois de alçar voo, a imaginação da mineira, então com 60 anos, nunca mais pousou. Em verso ou prosa, ela passou a contar os enredos que imaginava – e que não são poucos. “Eu tenho histórias pra contar ao longo de toda a vida. Se você quiser ouvir, não vai embora hoje, não”, avisa a senhora, que revira suas obras de arte, cada uma com sua própria história, organizadas de maneira a ocupar cada canto do ateliê.

Mostra os bonecos feitos de garrafinha d’água. Conta que foram encomenda de crianças de um colégio que visitou há um tempo. “Fui contar histórias para elas e disse que dava pra fazer um bonequinho com isso. Trouxe pra casa e fiz. Na semana passada, um menino veio até aqui pra ver

se era verdade”, lembra. As novas esculturas, assim como as outras dezenas que adornam o espaço, ganharam nome e vida: Mancilu, Mancilin e Mancilene, três cavalos falantes que protagonizam uma fábula sobre as alegrias, aventuras e tristezas de embarcar em uma viagem. Cada peça de Efigênia faz parte de uma narrativa, e a senhora alerta: “Quem não quiser ouvir minha história, que não me chame pra perto”.

Perdida entre suas muitas obras, a pequena senhora relembra o dia em que começou a se envolver com as artes plásticas. Caminhava pela Rua XV de Novembro quando uma lufada de vento jogou aos seus pés embalagens lançadas à calçada. Entre elas, um papel de bala brilhante que chamou sua atenção. “Achei que fosse uma joia”, conta. Encheu-se de decepção quando percebeu que se tratava de lixo descartado na rua. Mas as vozes, as mesmas que encorajam Efigênia a criar novas histórias, a incentivaram a pegar o papel e fazer dele uma pequena escultura. “Quem escuta voz externa é louco, né (risos). Eu escuto dentro do meu coração. E ela disse: melhor um papel do que uma joia. Assim, você pode dar vida a um mísero caído, que perdeu seu valor e seu recheio”. Depois disso, a contadora, que também já se sentiu como um papel ao vento, começou a utilizar aquilo que parte da sociedade considera lixo como matéria-prima para criar esculturas, bonecos, animais e o que mais sua imaginação julgar possível. Também voltou suas habilidades para o conserto de brinquedos velhos e danificados, atividade que ela considera como forma de dar vida àqueles que foram rejeitados. Ganhou, assim, um título de nobreza: virou A

Rainha do Papel de Bala, retratada na película “O filme da Rainha”, do cineasta argentino Sérgio Mercúrio, premiado no Festival de Cinema do México. E o currículo não para por aí. Recebeu o Prêmio Culturas Populares Mestre Duda, em 2007, e a medalha de Ordem do Mérito Cultural, em 2008, ambos do Ministério da Cultura. É “bientalista”, tendo exposto alguns trabalhos no Museu Oscar Niemeyer durante a Bienal de Curitiba de 2013, e já percorreu o Brasil mostrando seu trabalho e contando suas histórias.

Rumo à marte

Histórias, aliás, que carregam marcas e lições que Efigênia recebeu da vida. Antes de se tornar membro da realeza, ela passou por dificuldades para se instalar na capital paranaense. Por volta de 1960, veio a Curitiba com os nove filhos para internar o marido doente – que acabou falecendo em 1988 – no Hospital das Clínicas. Sem ter para onde ir ou onde trabalhar, a contadora passou por maus bocados, vivendo das pequenas ajudas que recebia da Igreja e da comunidade. Religiosa, conversou com Nossa Senhora Aparecida, sentada em um banco da Catedral Basílica da Praça Tiradentes. “Uma raposa tem sua toca, um pássaro tem seu ninho e eu não tinha onde encostar a cabeça. Pedi ajuda”, recorda. Lembra-se bem da resposta da Mãe: “Coragem”. Entre conversas com santos, trocou uma ideia, também, com Santo Antônio. Sentia-se uma chama apagada, uma “bituca de cigarro”, como define. E o padroeiro dos oprimidos não se emudeceu perante as preces da mulher: “É uma bituca que põe fogo em

toda uma floresta, basta uma brisa”, murmurou. Então, foi pela brisa que ela pediu: “É por isso que hoje eu estou aqui. Porque ele me soprou, ‘vai, Efigênia’. E aquela faísca virou tudo luz. Não apaga nunca”. Com isso, ela foi atrás de sua missão de vida, encontrando-a em um papel de bala.

Os acontecimentos pelos quais passou serviram de influência para as narrativas que inventa. A história sobre a montanha, que contou com energia em uma convenção de professoras na cidade paulista de Bauru, em 2005, tem como personagem uma Efigênia destemida e pronta para encarar uma terra hostil e desconhecida. “Se eu escalar uma montanha e bem no alto chegar, será uma coisa estranha se eu não me machucar. Se eu avançar sobre o rio, dizer que irei nadar, nesse mundo tão vazio, muita coisa irei buscar”, declama. Em versos, ela relata as dificuldades de encarar desafios e novas experiências, mantendo, ainda assim, uma inocência bonita na forma de ver tais situações. “Você não colhe uma rosa da mesma forma que colhe um açucena. Tem que tomar cuidado, porque a rosa tem muitos espinhos. Mas, assim como as flores, o espinho também faz parte da beleza da paisagem”.

Quem ouviu atentamente as histórias da senhorinha, consegue perceber, também, elementos de sua infância como boia-fria no interior de Minas Gerais. Em “A grande viagem dos Biopaz, Patrícios e Naifs rumo ao Planeta Marte fugindo as Olimpíadas de 2016”, Efigênia narra as aventuras das três tribos de criaturas fantásticas viajando juntas, a caminho de um novo lugar. Os Biopaz, severos com seus filhotes,

fazem com que os pequenos levem suas próprias cargas nas costas, para que aprendam, desde cedo, como enfrentar as dificuldades da vida. “No meu tempo, eu tinha que aprender por conta própria, tinha que ir à lavoura, aprender a fazer muita coisa que meus pais mandavam, na dureza mesmo. Com os Biopaz é assim: você vai descobrir o caminho com seus próprios pés. Caminhar até a morte”, explica. Já os Patrícios, muito mais tolerantes, ajudam as crianças nos momentos de adversidades, dividindo o peso da bagagem e os carregando, quando preciso. “Eles pensam: se eu não ajudar meu filho, nenhum de nós chega ao destino, porque a caminhada é longa. O amanhã dele é muito diferente do meu amanhã, que foi ontem. Eu precisava levantar cedo, por enxada nas costas. O amanhã dele é pegar a mochila, por nas costas e ir à escola”, esclarece.

Se perguntar a ela o porquê de Marte ser o grande destino, ela responde que, em seus sonhos, o planeta vermelho é bonito, tranquilo e abundante, com mares limpos e muitas árvores, onde o homem e os animais podem, finalmente, viver em paz.

Os pequenos pedaços de Efigênia

Apesar de ter superado muitos obstáculos em sua trajetória, a contadora ainda passa, vez ou outra, por apertos financeiros. Parte de sua renda vem da arte que faz e, ainda que ela tenha sido aclamada pelo público e por curadores de várias exposições, o retorno, tratando-se de dinheiro,

costuma ser pequeno. Mesmo assim, ela se alegra em receber pessoas interessadas naquilo que têm para contar. “Fico feliz quando alguém me procura. Se ninguém procurasse, ia significar que minha história é banal. Eu quero poder marcar as pessoas”, conta, com olhos brilhando, a senhora que tem como filosofia de vida a solidariedade ao próximo. “Juntando um papel de bala por dia, você consegue 365 no ano. Se você ajudar uma pessoa por dia, até o fim do ano, vai ajudar muitas”, calcula.

Décadas depois, Efigênia ainda se reconhece na mulher que, sentada em um banco de igreja, pediu aos céus por ajuda. “Quando eu estava no banco, parece que estava dentro de uma bolha que, de repente, explodiu”, diz, afirmando ter visto novos horizontes se abrirem para si. “Parece que meu corpo explodiu. Vi meus pedaços voarem. E, agora, eu ainda estou colhendo cada um. Não sei se o último vai ser uma unha, ou um pedacinho do meu coração. Só sei que, quando eu terminar de juntar os pedaços, vou partir. E vou embora feliz, porque não neguei nada a ninguém”. Generosa, saí de sua casa com um pequeno presente: Fafinho, “o Biopaz que segue seu caminho, sozinho”. Assim como Efigênia que, sozinha, aprendeu a usar seu dom de histórias para transformar sua realidade.

Posfácio

Se precisasse escolher, dentre as coisas que aprendi durante os meses de pesquisas e entrevistas, um único aspecto que passou a fazer parte de mim ao longo deste projeto, eu, provavelmente, pensaria em apontar a resiliência ou a disciplina como qualidades importantes para o fim desta empreitada – e para o início de tantas outras. Mas, não foram somente as leituras, anotações, análises e levantamento de dados que compuseram as páginas deste trabalho. Juntas, elas só fizeram algum sentido porque pessoas acreditaram nelas. Confiaram em sua capacidade de compreender e de fazer com que outros compreendam a importância da atividade na qual elas depositaram toda a sua fé. Para poder escrever estes capítulos, contadores de histórias compartilharam comigo o enredo de suas próprias vidas e a confiança inspiradora que têm em cada conto, fábula, caso ou poema que já fizeram parte delas.

Por isso, ainda que eu tenha descoberto o ato de contar histórias como uma ferramenta para o desenvolvimento cognitivo de alunos da educação infantil, como uma forma de incentivar as crianças a seguirem os caminhos da leitura ou como uma via eficaz de reflexão e autoconhecimento, o que fica em mim de maneira mais intrínseca é a lembrança da admiração aquecendo uma parte especial do peito sempre que eu ouvia, de todos os entrevistados, uma história contada com desvelo. Então, se eu realmente precisasse

optar por um único aprendizado que este livro ajudou a desenvolver em mim, ficaria com a empatia. Com a alegria em ter conhecido trajetórias tão poéticas, com protagonistas que construíram, sobre os obstáculos e as superações, seus próprios contos maravilhosos.

Referências

BRIZENDINE, Louann. *The female brain*, UK: Bantam Press, 2007.

BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas – Símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL Editora, 2003.

COSTA, Marta Moraes, da. *Metodologia do ensino da literatura infantil*. Curitiba: Editora Ibpex, 2007.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

KUPSTAS Márcia. et al. *Sete faces do conto de fadas*. São Paulo: Moderna, 1993.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, volume I*. 2ª edição. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba. *Cai a taxa de analfabetismo em Curitiba*. Disponível em: < <http://www>.

curitiba.pr.gov.br/noticias/cai-a-taxa-de-analfabetismo-em-curitiba/27362>. Acessado em 16 de outubro de 2015.

CARDOSO, Ivani. *É preciso ativar a capacidade de fantasiar dos alunos*. Disponível em: < <http://www.sistemacpv.com.br/noticias/313-e-preciso-ativar-a-capacidade-de-fantasiar-dos-alunos>>. Acessado em 27 de março de 2016.

IBGE, Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade, por grupos de idade, segundo as Unidades da Federação e os municípios das capitais. Grupos de idade 2000/2010. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/tabelas_pdf/tab28.pdf>. Acessado em 16 de outubro de 2015.

PAGEL, Mark. *Como a linguagem transformou a humanidade*, palestra ministrada por Mark Pagel na conferência TED Global, em Edimburgo, na Escócia, em julho de 2011. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/mark_pagel_how_language_transformed_humanity?language=pt-br#t-548015>. Acessado em: 27 de março de 2016.

UNESCO, Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2000-2015. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf>>. Acessado em 16 de outubro de 2015.